

GDF remove invasão Guarapari

Terracap derrubou 47 barracos, onde moravam 93 famílias, na Candangolândia

Sebastião Pedra



JULIANA STECK

Começou ontem a remoção da invasão da Quadra Roque Cinco, mais conhecida como invasão do Hotel Guarapari, na Candangolândia. Fiscais da Terracap, do Sivsolo e da Administração Regional da Candangolândia, escoltados por vinte policiais, derrubaram 47 barracos onde moravam 93 famílias.

O diretor de fiscalização da Administração da Candangolândia, Sérgio Fernandes Ferreira, diz que as famílias da invasão serão encaminhadas ao Idhab. As que atenderem às exigências da política habitacional do governo, como morar há mais de cinco anos no DF e nunca ter recebido lote, serão transferidas para uma área legalizada. As que não se enquadrarem nessas exigências serão encaminhadas ao Centro de Desenvolvimento Social de Brasília (CDS) e poderão optar pelo auxílio-aluguel ou por voltar à cidade de origem.

Inflamados — Sérgio Ferreira diz que a escolta policial foi necessária porque os invasores da Candangolândia são “inflamados”. “Já aconteceu dos fiscais que foram só fazer um levantamento da área saírem de lá perseguidos por moradores armados com facões”, conta.

A presidente da Associação de Moradores da Candangolândia e líder do Movimento Sem-Teto no DF, Maria Aparecida Batista, disse que procurou o Idhab na quinta-feira passada para conversar sobre a invasão do Hotel Guarapari e que saiu de lá com a garantia de que não seria feita a remoção dos barracos antes de uma negociação de cada caso. “Mas hoje o administrador da Candangolândia, Abdel Karajah, ordenou a derrubada”, diz Maria Aparecida, sem entender o que estava acontecendo.

Perigo — Sérgio Ferreira garantiu que o Idhab e o CDS não vão deixar ninguém “desamparado”. Ele explicou que a administração da Candangolândia pediu urgência na remoção da invasão porque ela se localiza em uma área perigosa. “Muito próximo a essa área tem um aterro, logo em cima. A Defesa Civil realizou estudos que demonstraram o perigo. Se a invasão não for removida antes do início das chuvas, essas pessoas podem ser soterradas. O administrador da Candangolândia teve acesso a esses estudos. Se ele não fizesse nada para evitar um acidente, seria omissão”, justificou.

O confronto entre policiais e invasores exaltados foi inevitável. A invasora Edna de Lima Mendes disse que seu irmão de criação, Rômulo Pereira Soares, 22 anos, teve que ser levado para o hospital porque acabou machucado ao tentar impedir a derrubada de seu barraco.

Rômulo resistiu alegando que sua filha recém-nascida é deficiente e tinha acabado de ser submetida a uma cirurgia. “A criança ainda está com os pontos da cirurgia, não pode ficar sem ter onde morar”, explica Edna. Segundo ela, a deficiência da menina é grave, ela teria nascido sem vagina e sem ânus.

Deus — Enquanto alguns invasores choravam e tentavam resistir, outros assistiam a tudo tranquilamente. Foi o caso de Ana Maria dos Anjos, de 83 anos, que morava há seis anos na invasão com o filho. Enquanto via seu barraco ser demolido, Ana Maria estava calma. “Eu vim de Irecê, na Bahia, porque lá estava todo mundo morrendo de fome. Agora, eu não sei para onde eu vou. Eu acho que só Deus é que sabe o que vai fazer de nós. Mas dizem que as autoridades também sabem. Vou esperar elas tomarem uma decisão”, afirmou confiante.